

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**GESTÃO DE TURMAS COM ALUNOS COM PERTURBAÇÃO
DE HIPERATIVIDADE E DÉFICE DE ATENÇÃO**

Marta Maria Félix

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor António Montiel

Julho 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**GESTÃO DE TURMAS COM ALUNOS COM PERTURBAÇÃO
DE HIPERATIVIDADE E DÉFICE DE ATENÇÃO**

Marta Maria Félix

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor António Montiel

Julho 2015

Agradecimentos

Muitas são as pessoas a quem quero agradecer por me terem acompanhado ao longo deste percurso.

Aos meus queridos alunos do 2º ano, que tanto me ensinaram, e que levarei no meu coração para sempre.

Às minhas colegas e amigas que iniciaram este percurso comigo, obrigada pela companhia, pelos sorrisos e por todos os bons momentos que para sempre ficarão comigo.

Ao Professor Doutor António Montiel pela disponibilidade que sempre mostrou para me orientar, pela paciência e pelos bons conselhos.

Por último mas não menos importante, muito obrigada à minha família, que me possibilitou esta oportunidade, sem eles nunca teria chegado onde cheguei. Foram eles o meu pilar durante este tempo.

Este agradecimento torna-se mais particular para a minha sobrinha Leonor, que do alto dos seus quatro anos já tanto me ensinou.

A todos, muito OBRIGADO!

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupéry

Resumo

A escolha deste tema está relacionada com o facto de a Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA) ser uma problemática cada vez mais notória no dia-a-dia de uma sala de aula.

Este trabalho tem como objetivo perceber qual a melhor forma de gerir turmas com crianças hiperativas e quais as melhores estratégias a pôr em prática com elas. Para tal, tornou-se necessário aprofundar o conhecimento sobre esta temática, visto que afeta cada vez mais crianças em contexto escolar.

Começou por se fazer uma revisão de literatura para alcançar um entendimento teórico do que é ao certo a PHDA, quais são as características das crianças com esta desordem e tomar conhecimento de qual é a melhor forma recomendada para gerir uma turma com alunos com PHDA, procurando assim dar resposta às seguintes questões: a) O que é, ao certo, a hiperatividade? Quais as suas manifestações e a sua influência no processo de aprendizagem? E b) Como gerir uma turma com crianças hiperativas? Que atitudes e estratégias, preventivas e reativas, pode o professor adotar, que sejam mais convenientes para a criança hiperativa e para toda a sua turma?

De seguida, o presente Relatório, a partir de dados recolhidos durante o estágio, analisa as situações vivenciadas no dia-a-dia de uma turma de 2º ano de escolaridade e procura tirar conclusões que possam enriquecer o exercício futuro da atividade pedagógica dos professores.

Palavras – chave: PHDA, gestão de sala de aula, ensino, aprendizagem

Abstract

The choice of this theme is related to the fact that Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) is an increasingly evident problem nowadays in a classroom.

This study aims to realize what the best way is to manage classes with hyperactive children and what the best strategies are to put into practice with them. To this end, it became necessary to deepen the knowledge on this subject, since it affects more and more children in schools.

This work began by consulting and checking related literature, in order to ensure a theoretical basis of what is sure to be ADHD, what are the characteristics of children with this disorder and how best to manage a class with students with ADHD, seeking to answer the following questions: a) What, exactly, is hyperactivity? What is its origin, what its manifestations and its influence in the learning process? And b) How to manage a class with hyperactive children? What attitudes and strategies, preventive and reactive, can the teacher take to be more convenient for the hyperactive child and for the whole class?

Then, from data collected during the internship, analyzes the situations experienced in the daily lives of a 2nd grade group, and seeks to draw conclusions that might enrich the future exercise of teachers' pedagogical activity.

Key-words: ADHD, classroom management, teaching, learning

Abreviaturas/siglas

PHDA - Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção

DSM – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*

PDA – Perturbação de Défice de Atenção

APDCH – Associação Portuguesa da Criança Hiperactiva

DDA – Desordem por Défice de Atenção

Índice

Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES) 5	
1. Objeto de estudo: Gestão da sala de aula	5
2. O que é a Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA) ..	6
2.1. PHDA tipo desatento	8
2.2. PHDA tipo hiperativo/impulsivo	9
2.3. PHDA Forma Mista	9
3. Características de uma criança hiperativa	10
4. Gestão de turmas com alunos hiperativos	13
5. Opções Metodológicas	17
Capítulo II - Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente	20
1. Caracterização da Instituição	20
2. Caracterização do grupo de crianças	21
3. Caracterização das duas crianças hiperativas	24
4. Caracterização do ambiente educativo da sala de aula e do modelo pedagógico observado	26
Capítulo III - A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição	27
1. Análise das situações observadas	27
2. Análise comparativa das situações observadas	34
Capítulo IV - Considerações finais	38

Bibliografía	43
Anexos	46

Introdução

O presente relatório surge no contexto da realização da Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, durante o ano letivo de 2014/2015.

Sabe-se que a prática pedagógica é uma das componentes mais valorizadas na formação de futuros professores. Esta componente curricular representa a oportunidade de alunos, futuros professores, exercerem, com supervisão pedagógica, a sua atividade profissional.

A prática pedagógica assume um papel fundamental no processo de formação inicial dos professores. É através da prática do dia-a-dia escolar que o formando adquire competências para ensinar ou fazer os alunos aprenderem. Assim, é essencial o candidato a professor adquirir e dominar um vasto conhecimento sobre desenvolvimento e aprendizagem em contexto de sala de aula. Deve, ainda, ser capaz de ouvir as aprendizagens que os alunos trazem “de casa” e envolvê-los na sua própria aprendizagem.

No entanto, o futuro professor deve ter presente o quão importante é continuar a aprender e a desenvolver-se ao longo da sua vida profissional. Pois, só assim, é possível ter um desenvolvimento pessoal e profissional mais eficaz.

No entender de Alarcão, et al. (1997, p. 8):

“(…) a experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que esta formação não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), mas tem de integrar uma componente prática e reflexiva.”

Apesar de existirem diversos modelos de formação no ensino superior, a prática pedagógica é um elemento fundamental na formação dos futuros professores, permitindo-lhes exercerem a sua atividade profissional diariamente.

Formosinho (2001), citado por Ludovico (2007, p. 57), descreve a prática pedagógica como “a componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade

explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável”.

Assim, o objetivo da PES é permitir ao futuro professor uma prática de desempenho docente global, em contexto real, permitindo desenvolver as competências e atitudes necessárias a um desempenho consciente, responsável e eficaz.

Através da prática pedagógica os estagiários poderão assimilar as aprendizagens feitas nas diversas áreas curriculares e aprender a transformar aquilo que estudaram nas diversas disciplinas num saber profissional que irá fundamentar e orientar a sua ação docente no dia-a-dia.

De acordo com os objetivos de aprendizagens previstos na PES, tive a intenção de me posicionar no contexto de estágio, numa primeira fase, como observadora, recolhendo o máximo de informação possível sobre a turma em geral e sobre cada criança em particular, de forma a conhecer bem o grupo com quem iria desenvolver o meu trabalho; e, numa segunda fase, tive uma postura mais interventiva, iniciando assim um período de intervenções diárias com a turma.

Este estágio realizou-se numa turma do 2º ano de escolaridade, com 21 alunos, numa escola pública situada no concelho de Lisboa. Teve a duração de três meses, de 3 de novembro de 2014 a 20 de fevereiro de 2015. A duração de um estágio é muito importante, pois deve ser uma autêntica imersão na vida das escolas para que o futuro professor possa atingir os objetivos desejados e esperados.

O foco principal deste estudo é a gestão do comportamento dos alunos em sala de aulas. O tema surgiu associado aos problemas de indisciplina que decorrem na turma pela presença de alunos com perturbações no desenvolvimento sócio emocional. O meu interesse emergiu durante a realização do estágio no 1º Ciclo do Ensino Básico, onde me deparei com alguns

casos de indisciplina, em especial por parte de alunos com Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA).

Certamente, a indisciplina é um tema falado com muita frequência pois é uma preocupação incontornável no contexto escolar e, por isso, apresenta-se como uma das temáticas mais investigadas no domínio educacional contemporâneo (Garcia, 2009), e de elevada importância no quotidiano escolar, isto é, um "dos principais desafios às práticas pedagógicas, particularmente no contexto da Educação Básica" (Garcia, 2009, p. 312).

No entanto, é necessário entender qual o motivo por trás da indisciplina e tentar ultrapassá-lo da melhor forma possível, para que o aluno possa fazer um percurso escolar o mais proveitoso possível. Sendo assim, propus-me a procurar resposta a duas questões que considero pertinentes: a) O que é, ao certo, a hiperatividade? Quais as suas manifestações e a sua influência no processo de aprendizagem? E b) Como gerir uma turma com crianças hiperativas? Que atitudes e estratégias, preventivas e reativas, pode o professor adotar, que sejam mais convenientes para a criança hiperativa e para toda a sua turma?

Para ir ao encontro destas preocupações, consulte literatura que pudesse ser suficientemente elucidativa. O próximo Capítulo será dedicado precisamente a dar conta das aprendizagens retiradas dessas leituras. Terei oportunidade de constatar que as principais características da criança hiperativa são: défice de atenção, impulsividade e hiperatividade; e que o facto de o educador ter conhecimento destes fatores de rutura contribui para uma melhor integração da criança, valorizando a sua autoestima, e contribuindo para uma maior compreensão e aceitação por parte dos colegas e da sociedade. Em suma, o primeiro capítulo deste relatório destinar-se-á a esclarecer, de acordo com a bibliografia considerada de referência, o que é a hiperatividade, quais as suas causas, quais são as características de uma criança hiperativa, o tipo de comportamento que tem, as consequências da hiperatividade no comportamento das crianças, nas suas relações com os pares e com os adultos à sua volta....

No segundo capítulo deste relatório encontrar-se-á a caracterização do local de estágio, tal como do grupo de 21 crianças. Estará ainda neste capítulo a caracterização das duas crianças hiperativas, que são o foco deste relatório.

No terceiro capítulo serão apresentadas, descritas e analisadas algumas situações vivenciadas durante o estágio, sob a forma de notas de campo, que serviram de ponto de partida para a realização deste relatório.

Por último, apresentam-se as considerações finais, onde será feita uma síntese do tema em questão. Serão ainda apresentadas as referências bibliográficas que serviram de base ao trabalho realizado, assim como os anexos com informações consideradas pertinentes para a compreensão do tema desenvolvido.

Capítulo I - Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

1. Objeto de estudo: Gestão da sala de aula

Como foi anunciado no capítulo introdutório, o tema escolhido como objeto especial de reflexão e estudo é a gestão da sala de aulas em turmas com crianças hiperativas. É, certamente, um tema de que é fácil reconhecer a sua atualidade. Sabe-se que existem cada vez mais casos de crianças com perturbações ao nível do desenvolvimento socio-emocional, sendo o caso mais frequente o da Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA). E sabe-se também como é que este tipo de perturbações provoca muitas vezes casos de indisciplina em sala de aula.

Ao procurar definições de indisciplina, apresentadas por autores de referência, é possível verificar que Luís M. Aires (2009, p. 13) diz que “A indisciplina na escola é um fenómeno intrínseco à sociedade e ao seu sistema de ensino e, dada a sua inevitabilidade, tão antigo quanto a própria escola.”

Carita e Fernandes (2012, p. 15) consideram a indisciplina como sendo “alguma coisa de particularmente perturbador para a generalidade dos professores. (...) A indisciplina é uma situação em que frequentemente os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoas.” Já Maria Teresa Estrela (1994, p. 15) afirma que “o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende, normalmente, a ser definido pela sua negação ou privação, ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas”. Para finalizar, João Amado (2001, p. 12) refere que a Indisciplina é um “comportamento disruptivo em geral, enquanto perturbação e obstáculo ao bom funcionamento de uma aula”.

Pois bem, o que procurei estudar e tentar sintetizar de seguida, é até que ponto a hiperatividade interfere com os comportamentos e atitudes das crianças que com ela têm que viver e como as afeta no seu dia-a-dia, tanto em contexto escolar como em contexto familiar. E, também, quererei indagar qual seja a melhor forma de gerir uma sala de aula onde existam casos de crianças hiperativas

2. O que é a Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA)

O primeiro momento do nosso estudo passa necessariamente pelo esforço por diferenciar o conceito de hiperatividade. A Perturbação da Hiperatividade e Défice de Atenção é um distúrbio neuro-comportamental comum que se inicia habitualmente antes dos 7 anos e que persiste frequentemente até à idade adulta. De acordo com o DSM – V (2014), a PHDA é a perturbação neuro-comportamental mais frequente da criança, abrangendo cerca de 9,2% dos rapazes e 2,9% das raparigas em idade escolar.

Na realidade, a PHDA resulta de uma condição neurológica que se traduz por comportamentos que mostram desatenção e hiperatividade/impulsividade inconsistentes com a idade da criança. Segundo a Revista Portuguesa de Clínica Geral (2009, p. 596), supõe-se que a PHDA afeta “cerca de 7% das crianças e adolescentes em idade escolar, sendo três a quatro vezes mais comum no sexo masculino”. Acaba por ser diagnosticada nesta idade, pois é nesta altura que as exigências académicas e sociais se tornam maiores, mas pode, no entanto, manifestar-se em idades mais precoces. É uma das desordens mais faladas atualmente.

Quando se fala em hiperatividade é frequente pensarmos em agitação, crianças demasiado ativas e agitadas e que perturbam a normalidade de uma sala de aula. No entanto,

é necessário perceber ao certo o que é esta perturbação, para que se possa ajudar a criança, e tentar assim que esta tenha uma infância e um percurso escolar relativamente normais.

A definição de PHDA tem por base três dimensões, nomeadamente: défice de atenção, hiperatividade e impulsividade. No entender de Barkley, citado por Lopes (1998, p. 52),

“O Distúrbio Hiperactivo de Défice de Atenção é uma alteração de desenvolvimento caracterizada por graus desenvolvimentalmente inapropriados de desatenção, sobreactividade e impulsividade, as quais têm frequentemente o seu início na primeira infância; têm uma natureza relativamente crónica; não simplesmente explicáveis por deficiências neurológicas, sensoriais, de linguagem, motoras, deficiência mental ou distúrbios emocionais severos. Estas dificuldades aparecem tipicamente associadas a défices no comportamento orientado por regras e na manutenção de um padrão consistente de realização ao longo do tempo.”

Segundo Blakemore & Frith (2009, p. 155), “A perturbação de hiperactividade com défice da atenção (PHDA, ou PDA, perturbação de défice da atenção) caracteriza-se por uma impulsividade inapropriada, por problemas de atenção e nalguns casos hiperactividade”.

Falardeau (1997, p. 21) diz que,

“A hiperactividade define-se por uma diminuição ou ausência de controlo no individuo que dela sofre. Insisto na palavra controlo pois este encontra-se na própria base do problema. O hiperactivo é incapaz de controlar a sua atenção, a sua impulsividade e a sua necessidade de movimento. Não se trata de uma ausência de vontade, mas de uma ausência de controlo.”

Para Rohde & Benczik (1999, p. 37), é “um problema de saúde mental que tem três características básicas: a desatenção, a agitação (ou hiperatividade) e a impulsividade.”

García (2001, p. 2) afirma que, “a hiperactividade infantil relaciona-se com deficiências perceptivas e dificuldades de aprendizagem”. No entanto, García (2001, p. 2) refere as dificuldades sentidas em definir o que é a hiperatividade,

“Em todo o caso, o problema da definição centra-se nas seguintes questões: o que é a hiperactividade infantil? Que se entende por hiperactividade? Para alguns especialistas, trata-se de uma síndrome (conjunto de sintomas característicos de uma determinada enfermidade) que tem, provavelmente, uma origem biológica ligada a alterações no cérebro, causadas por factores hereditários ou resultantes de uma lesão, enquanto para outros constitui um modelo de conduta persistente em situações específicas.”

A criança com hiperatividade exterioriza de forma desajustada comportamentos motores e verbais. A impulsividade torna-se evidente com a dificuldade que a criança tem em controlar-se de acordo com o que é exigido em cada situação.

De acordo com a Associação Portuguesa da Criança Hiperactiva (APDCH), é possível caracterizar a PHDA em três tipos: PHDA tipo desatento, PHDA tipo hiperativo/impulsivo e PHDA tipo combinado.

2.1. PHDA tipo desatento

De acordo com a APDCH, a criança com esta forma de PHDA distrai-se facilmente cometendo erros por falta de atenção. Mostra pouca concentração nas aulas, muitas das vezes não ouve quando o estão a chamar. Tem dificuldades em seguir instruções e, até mesmo em completar uma tarefa. Não consegue seguir uma conversa, acabando por dispersar e prestar atenção a outras coisas. Opõe-se muitas vezes a iniciar tarefas que exijam um grande esforço mental. A criança parece sonhar acordada e raramente se apresenta impulsiva ou hiperativa. Por este motivo costuma passar despercebida. Ainda assim, necessita de ajuda para poder progredir nas tarefas escolares.

Perde facilmente o material escolar, esquece nomes, datas, prazos com muita frequência.

Segundo o DSM-5 (2014), estes são os Sinais de Predominância de Défice de Atenção:

- O aluno distrai-se com facilidade com estímulos irrelevantes;
- Tem dificuldade em prestar atenção aos detalhes e comete erros por falta de cuidado;
- Raramente segue instruções com cuidado e de forma completa;
- Perde ou esquece objetos, utensílios, livros;
- Salta de tarefa em tarefa sem nunca completar nenhuma.

É necessário que a pessoa tenha 6 ou mais características de forma crónica, num mínimo de 6 meses para haver possibilidade de diagnóstico.

2.2. PHDA tipo hiperativo/impulsivo

Segundo a APDCH, a criança com este tipo de PHDA tem que estar em constante movimento, tem dificuldade em manter-se sentada. Tem alguma dificuldade em controlar as suas reações, não pensa antes de agir, interrompe os outros com muita frequência. Não sabe lidar com a frustração nem com os erros, acabando por sentir raiva.

Segundo o DSM-5 (2014), estes são alguns dos Sinais de Hiperatividade-Impulsividade:

- Apresenta-se agitado, mexendo as mãos e os pés e mexendo-se na cadeira;
- Caminha ou levanta-se em situações em que não é esse o comportamento esperado;
- Dispara a resposta antes de concluída a pergunta;
- Tem dificuldade em esperar pela sua vez.

2.3. PHDA Forma Mista

Conforme referido na APDCH, na Forma Mista de PHDA, a criança apresenta sintomas tanto de desatenção como de hiperatividade-impulsividade. Para um diagnóstico correto, é necessário que se verifiquem seis ou mais características de cada um dos tipos acima referidos, de forma crónica e desde criança, para concluir que se trata de PHDA.

De acordo com a Academia Pediátrica Americana, as crianças com a forma mista de PHDA são normalmente diagnosticadas entre os 6 e os 7 anos de idade. Esta forma mista é a mais facilmente identificada. Por norma estas crianças apresentam comportamento agressivo ou disruptivo, hiperatividade, desinibição, e capacidade de atenção reduzida. Este é o subtipo clássico de PHDA e é o mais frequentemente encontrado.

Como já foi referido, sabe-se que a hiperatividade começa na infância, no entanto, perdura pela vida adulta, afetando assim o aproveitamento escolar da criança, tal como as suas capacidades sociais. Uma das maiores ajudas para esta perturbação é a medicação estimulante, sendo assim o tratamento mais eficaz para a falta de atenção, impulsividade e excesso de atividade. Nas palavras de Sosin (2006, p. 89),

“A medicação pode ter efeitos extremamente significativos nas relações e capacidades sociais. Do ponto de vista da criança, o primeiro objetivo da escola é sobreviver em termos sociais, dar-se com os outros e ser aceite por eles. (...) Com a ajuda da medicação, os jovens conseguem concentrar-se naquilo que os outros dizem e nas dicas não verbais. Esta consciencialização ajuda a criança com DDA em termos sociais.”

Para terminar, não se sabe ao certo quais as causas da hiperatividade, no entanto suspeita-se que se devem a uma combinação de fatores hereditários e adquiridos. Algumas das possibilidades são: fatores genéticos, a exposição a tóxicos durante a gravidez e a existência de lesões cerebrais.

3. Características de uma criança hiperativa

Embora não exista um consenso relativamente à definição de hiperatividade, no que se refere ao comportamento típico das crianças hiperativas é possível encontrar várias características. As crianças com esta perturbação são por norma muito agitadas, apresentam comportamentos desadequados, são pouco focadas nos seus objetivos ou finalidades.

Segundo García (2001, p. 12),

“trata-se de crianças desordenadas, descuidadas, que não prestam atenção na sala de aula, que mudam continuamente de tarefa e apresentam uma actividade permanente e incontrolada, sem se dirigir a um determinado objectivo ou fim. Tais crianças têm dificuldade em permanecer quietas e sentadas e costumam responder precipitadamente, mesmo antes de se haver finalizado a formulação das perguntas. (...), mostram-se impacientes, não são capazes de esperar pela sua vez nas actividades em que participam com outros indivíduos e interrompem as tarefas ou actividades dos companheiros e dos membros da família.”

Assim, podemos caracterizar estas crianças como sendo desobedientes, não sendo capazes de cumprir as instruções que lhes são transmitidas. Podemos dizer que são também

propícias a acidentes, devido à “fraca consciência do perigo” (García, 2001, p. 12). Estas crianças também costumam ter problemas com os pares, pois apresentam uma enorme dificuldade “nos jogos cooperativos e no ajustamento do seu comportamento às normas ou às regras dos mesmos” (García, 2001, p. 12).

No entanto, é importante referir que a PHDA caracteriza-se por comportamentos comuns do desenvolvimento da criança, por isso não se deve atribuir o “rótulo” à criança sem a devida avaliação por parte de profissionais habilitados. Segundo Nogueira (2009, p. 23),

“Nem todas as crianças com dificuldades em manter a atenção, inquietas e impulsivas têm uma PHDA. Pode existir outra perturbação que origine tais sintomas ou pode ser que a criança seja, apenas, mais desatenta, inquieta e/ou impulsiva do que outras da sua idade. Importa acima de tudo saber se essas características estão a causar sofrimento e desadaptação na sua vida e nos seus contextos familiar, escolar e social”

Kiphard (1988), citado por Schweizer & Prekop (2005), refere uma lista de características psicomotoras para descrever as crianças com PHDA, tais como excesso de movimentos, incapacidade para se manter sossegado, descoordenação motora, resultados insuficientes apesar do esforço, reações impulsivas que se devem a reflexos infantis, incapacidade de esperar e ignorar impulsos imediatos, tendem a reagir de forma impulsiva e precipitada, prejudicando assim o seu desempenho nas diversas atividades.

As crianças hiperativas têm dificuldades em três áreas chave:

- Desatenção: distraem-se com facilidade e têm dificuldade em concentrar-se. Perdem objetos com frequência e esquecem-se de realizar tarefas propostas
- Impulsividade: agem sem refletir. Interrompem os outros com frequência e têm dificuldade em esperar pela sua vez.
- Hiperatividade: apresentam inquietação motora e dificuldade em permanecer sentadas ou caladas.

Destes três traços da PHDA, aquele que causa mais problemas tanto ao aluno como ao professor será a desatenção. Esta é a característica que predomina em todas as crianças com PHDA. De acordo com Sosin & Sosin (2006, p. 23),

“Falta de atenção significa dificuldade em se manter concentrado numa determinada tarefa por muito tempo. Mesmo que o aluno esteja presente fisicamente na sala de aulas, é possível descrevê-lo como não estando realmente lá uma vez que a sua mente se encontra muito distante”.

Em contexto de sala de aula, esta falta de atenção surge como uma resposta ao aborrecimento. Tal como Sosin & Sosin referem “quando mais interessante, dinâmico e envolvido o professor se mostrar relativamente à matéria, menor é a probabilidade de qualquer aluno, não só o aluno com DDA, se deixar absorver pelo seu próprio mundo” (2006, p. 23). Fora das aulas esta falta de atenção também é fortemente sentida, em especial quando a criança tenta fazer os trabalhos de casa, sobretudo em exercícios de leitura.

Relativamente à impulsividade, Sosin & Sosin afirmam que “as crianças com DDA impulsivas parecem não conseguir refrear os pensamentos ou as acções. Simplesmente não conseguem parar para pensar nos seus actos” (2006, p. 37). Estes autores apresentam ainda uma lista de aspetos inerentes à impulsividade, entre os quais se destacam: agir sem pensar, interromper conversas, apresenta dificuldade em esperar pela sua vez, expressar sentimentos sem pensar, tomar decisões sem pensar nas consequências, etc.

A impulsividade apresenta-se assim como um grave problema tanto para os alunos como para os professores. O aluno que apresenta esta característica tende a perturbar a aula, ao falar sem ser a sua vez, fazendo comentários ou dando respostas desadequadas à situação, ou então fazendo palhaçadas ou brincando nas alturas erradas. No entanto, e de acordo com Sosin & Sosin (2006), é importante referir que estas crianças não têm noção do seu comportamento mais agitado, e ficam muitas vezes espantadas quando lhes dizem que estão a ter um comportamento desobediente, “A impulsividade faz parte da sua natureza” (Sosin & Sosin, 2006, p. 38).

No caso da hiperatividade, Sosin & Sosin (2006, p. 43) referem que estas crianças “têm dificuldade em ficar sentadas e parecem estar sempre a mexer-se. Mexem-se na carteira, estão sempre a dar pontapés, a tamborilar com os dedos, a brincar com os objetos que estiverem mais à mão (...)”. No entender destes autores, estas crianças são descritas como sendo muito ativas e irrequietas desde pequenas, acabando por se envolver em situações complicadas. Defendem que esta característica também se pode manifestar com o “falar continuamente” (2006, p. 44), ou seja, o falar demasiado.

À medida que a criança cresce, a hiperatividade vai-se fazendo sentir em menor escala, não querendo dizer que desaparece. Segundo os autores acima referidos, esta atenuação da hiperatividade resulta da “socialização e da maturação neurológica” (2006, p. 46). Referem ainda que estas crianças, à medida que entram na adolescência aprendem a gastar o excesso de energia de outras formas, passando assim de criança hiperativa para adulto inquieto.

4. **Gestão de turmas com alunos hiperativos**

O papel do professor é muito variado, difícil mas motivador. Espera-se que o professor seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e eficiente. Além de ensinar, o professor deve também educar, transmitir conhecimentos, inculcar métodos, instrumentos de trabalho e alguns valores fundamentais nos alunos, tais como, a compreensão e o respeito pelo outro, a ajuda ou a responsabilidade. Deve ainda desenvolver o espírito crítico, a reflexão, a criatividade e a curiosidade em termos de aprendizagem. Segundo Mollo (1969, p. 153),

“O professor merece, pelas suas qualidades pessoais, o respeito e a admiração que impõe na sua actividade profissional. É justo, sábio e indispensável à criança. É justo, porque sanciona com isenção o trabalho dos alunos e dá a cada um o que merece; é sábio, porque nunca se engana; é indispensável, porque é o único capaz de transmitir o seu saber à criança.”

Arends (1995, p. 27) refere que,

“Os professores competentes são aqueles que estão familiarizados com o conjunto de conhecimentos existente relativo ao ensino, que estão dotados de um repertório de práticas eficazes, que têm atitudes de reflexão e de resolução de problemas e que consideram o processo de aprender a ensinar um processo para toda a vida ”

No entanto, ser professor nos dias que correm é uma tarefa bastante difícil. Para Azcue (2012, p. 19),

“Ser professor nunca foi fácil, mas não sei se esta chega ao ponto de ser «uma profissão impossível», como afirmava Freud. Sendo o professor alguém que ensina ou transmite conhecimento, a sua é uma das profissões mais antigas e importantes.”

Na atualidade, cada vez existem mais casos de indisciplina em sala de aula, e será sempre necessário entender as causas dessa mesma indisciplina. Mas um ponto de partida para uma boa relação com os alunos e uma prática pedagógica eficaz e produtiva, será sempre uma boa gestão de sala de aula. Baseando-me em literatura de referência, é possível afirmar que, para fazer uma boa gestão da sala de aula, os professores podem basear-se em três temas principais sugeridos por Arends (1995, p. 191): “gestão preventiva da sala de aula, gestão de comportamentos inadequados e perturbadores, e exibição de confiança e exercício da influência”. Para uma gestão preventiva e eficaz da sala de aula, o professor deve primeiramente estabelecer regras, ou seja, comportamentos e atitudes que os alunos podem ou não ter em sala de aula, e procedimentos, para que estes saibam exatamente como proceder para a realização de determinada tarefa.

O ensino das regras e procedimentos deve ser feito de forma ativa, para que este seja interiorizado pelos alunos. Os professores devem ter poucas regras e procedimentos, que devem ser ensinados de forma cuidada e devem tornar-se rotina no dia-a-dia dos alunos, ao serem usados de forma constante e firme. Segundo Arends (1995, p. 192), “Na maior parte das salas de aulas são necessárias poucas regras, mas é importante que o professor se assegure de que os alunos compreenderam os propósitos de cada regra e da sua fundamentação oral ou prática”.

Cabe aos professores ter a capacidade de enfrentar dilemas éticos resultantes da sua profissão. Na verdade, num mundo que é guiado pelos valores da cidadania e do respeito pelas minorias, é essencial a criação de um “paradigma deontológico”, que permita encontrar respostas para as diversas situações com que se deparam. Segundo Cunha (1996, pp. 80-81),

o paradigma deontológico deveria ser “marcado pela integração e pela maturidade,” encontrando-se o professor: primeiro, “centrado sobre a pessoa humana do aluno;” segundo, “fascinado pela busca da verdade e do belo”; terceiro, “dinamizado por uma nova consciência de profissionalismo e exigência de qualidade”.

Para um professor com alunos hiperativos na turma torna-se essencial procurar estratégias adequadas, de forma a conseguir fazer uma boa gestão da mesma. Como tal, deve ser tido em conta que as crianças passam cada vez mais tempo na escola do que em casa, entre 6 a 8 horas.

De acordo com João Lopes (2003, p. 203),

“A hiperactividade no contexto de sala de aula deve antes de mais ser considerada um problema que não se resolve facilmente e cujo prolongamento no tempo é altamente provável. Os professores terão por isso que ser capazes de estabelecer um plano de ação para estas crianças que seja consistente, prolongado e que, de uma certa forma, esteja sempre activado. Aquilo que outras crianças realizam com uma simples chamada de atenção ou uma simples advertência, poderá com estas crianças obrigar a múltiplas e aparentemente nunca acabadas intervenções.”

Como já foi referido acima, para um bom funcionamento da sala de aula é necessário que haja regras para cumprir e respeitar. Esta condição ganha maior importância quando falamos de turmas com alunos hiperativos. De acordo com Schweizer & Prekop (2005, p. 147),

“Para a criança hiperactiva, que devido à sua agitação interior não consegue ordenar os estímulos e as percepções exteriores, as regras são de uma importância vital, senão mesmo necessárias para a sua sobrevivência. Para uma criança hiperactiva, uma educação baseada em regras é como uma terapia, a sistematização do dia-a-dia, da percepção e da vivência em conjunto transmite segurança.”

Para estes autores, de forma a facilitar a vida destas crianças, é essencial que estas adquiram ritmo, pois assim a criança saberá sempre o que se segue no decorrer do seu dia e sentir-se-á mais segura. Para além do ritmo, estas deverão ter total percepção do seu mundo, pois desta forma conseguirão acalmar-se e manter-se focadas no que é importante.

Relativamente à atitude do professor para com um aluno com PHDA, de acordo com Sosin & Sosin (2006), este deve ser flexível, deve ser capaz de alterar o seu estilo de ensino

ao perceber o desinteresse do aluno, ou quando percebe que este está com alguma dificuldade de compreensão. O professor deve também ser criativo e divertido. Deve ser capaz de entusiasmar o aluno, pois é isso mesmo que o aluno procura. Em suma, “Quanto mais vivo e animado for o estilo do professor, maior será a atenção da criança (...) aconselha-se que adotem, tanto quanto possível, formas de ensino em que as crianças sejam mais activas que passivas (...)” (Falardeau, 1997, p. 110).

É também essencial que o professor faça pequenas pausas para atividade física, mesmo durante a aula, pois ajudam o aluno com PHDA a libertar alguma da sua energia. Deve permitir que este se levante, seja para ir buscar material, ou mesmo para afiar um lápis, pois também ajudam os alunos a libertar energias. Sosin & Sosin (2006, p. 45), referem que “Um professor alerta também sabe que os movimentos da criança hiperactiva (como, por exemplo, brincar com um lápis ou um apara-lápis) pode servir de mecanismo tranquilizador e calmante, o que acaba por propiciar a concentração”. O professor deve permitir estes movimentos sem chamar a atenção do aluno, a não ser que estes interfiram com o funcionamento normal da aula.

A disposição da sala de aula também não deve ser esquecida. O professor deve procurar a melhor solução para o aluno com PHDA, para que este esteja num lugar onde se distraia menos com ruídos vindos do exterior ou com conversas paralelas de outros alunos. O professor deve também minimizar as interrupções na sala de aula (Sosin & Sosin, 2006).

O ideal para estas crianças seria uma sala de aula dividida em áreas de aprendizagem, sendo que algumas destas áreas poderão oferecer maior privacidade ao aluno e assim permitir que este se concentre mais facilmente (Sosin & Sosin, 2006).

5. Opções Metodológicas

Tal como referido acima, este relatório centra-se no estudo da PHDA, nas suas características principais, e na gestão de turmas com crianças com esta perturbação e surgiu na sequência da realização de um estágio de três meses numa turma de 2º ano, onde me deparei com dois casos de PHDA, embora um não fosse diagnosticado oficialmente. Uma vez que nos próximos capítulos iremos mostrar a realidade observada e as atividades implementadas, referirei aqui as opções metodológicas, isto é, tanto de recolha como de análise de dados.

Como acontece em qualquer processo de investigação, a metodologia estabelece o caminho para o desenvolvimento e concretização dos seus objetivos. De acordo com Quivy & Campenhoudt (2005, p. 151), esta compreende o,

“prolongamento natural da problemática, articulando de forma operacional os marcos e as pistas que serão finalmente retidos para orientar o trabalho de observação e análise. É composta por conceitos e hipóteses estritamente articulados entre si para, em conjunto, formarem um quadro de análise coerente.”

Um trabalho de investigação exige a utilização de métodos de recolha de informação que constituem, para Gil (2008, p. 8) “o caminho para chegar a determinado fim”, possibilitando então, a obtenção das respostas às questões de investigação anteriormente colocadas. Portanto, o método mais adequado é definido pelo objetivo da investigação.

Assim, são diversas as possibilidades e as opções metodológicas a serem utilizadas. Visto que a escolha da metodologia deve ser feita em função da natureza do problema a estudar (Serrano, 2004), considerou-se pertinente seguir uma metodologia de investigação qualitativa, pois seria a mais adequada para perceber os processos, os produtos, os fenómenos pertencentes à problemática deste estudo.

Os interesses das pesquisas qualitativas recaem mais nos processos do que nos produtos (Bogdan & Biklen, 1994). Estas preocupam-se mais com a compreensão e a interpretação

sobre como os factos e os fenómenos se manifestam do que com a determinação das causas para os mesmos (Serrano, 2004).

Das técnicas qualitativas mais utilizadas, a que dará uma resposta mais eficaz ao nosso propósito é a observação participante. Esta técnica permite que o investigador esteja em contacto direto e aprofundado com os indivíduos em estudo e, possibilita a compreensão em detalhe do que eles fazem em determinadas circunstâncias. Bogdan & Biklen (1994) referem que a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados neste tipo de estudos. Em concordância com a afirmação anterior, e no que diz respeito à importância da observação como método de recolha de dados, Vale (2004, p. 233) refere que “a observação é a melhor técnica de recolha de dados do indivíduo em actividade, em primeira-mão, pois permite comparar aquilo que diz, ou que não diz, com aquilo que faz”.

Portanto, as opções metodológicas em que me assento para a realização deste relatório são as notas de campo, retiradas em contexto de observação, os apontamentos tirados sob a forma de diário.

Segundo Bell (1997, p. 141), na observação participante, os observadores observam “os acontecimentos, situações, comportamentos, e apontam-nos de seguida”.

Assim, a técnica mais utilizada foi a observação direta, pois Deshaies (1997, p. 296) refere que a “observação é directa quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas, em suma, do que se passa, ou existe, num dado momento, numa dada situação”.

No entanto, este tipo de observação tem as suas vantagens e limitações. Como vantagem, segundo Carmo & Ferreira (1998, p. 108), “a possibilidade de entender profundamente o estilo de vida de uma população e de adquirir um conhecimento integrado da sua cultura”. Como limitações, os mesmos autores destacam “morosidade que tal técnica exige e as dificuldades que levanta a uma posterior quantificação dos dados” e Bell (1997, p. 141) refere

ainda, que “cada observador terá o seu foco particular de atenção e interpretará os acontecimentos significativos à sua maneira”.

Na observação participante o objetivo é observar e registrar da forma mais imparcial possível e, depois, fazer a interpretação dos dados recolhidos.

De acordo com Bell (1997, p. 143), “há imensas formas de registrar o que se passa na sala de aula”. Posto isto, optei por, após a observação, registrar as notas de campo num caderno.

Afonso (2005, p. 94) refere que “as notas de campo devem ser concretas e não vagas” e que Peltó & Peltó (1987), citado por Afonso (2005) sublinham ainda que “em qualquer caso, o investigador deve descrever as próprias observações e não as inferências elementares derivadas dessas observações”.

As notas de campo, retiradas em contexto de sala de aula, foram 6 notas. Dentre estas notas de campo, 3 são referentes ao comportamento do aluno diagnosticado com PHDA desde o ano letivo anterior. E 3 são referentes ao comportamento do aluno sobre o qual existe suspeitas de PHDA embora não esteja ainda confirmado por parte da psicóloga.

De seguida será elaborada uma tabela com as seis situações observadas, de uma forma sintetizada, para que se possa fazer uma análise mais pormenorizada de cada uma delas.

Capítulo II - Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente

1. Caracterização da Instituição

A instituição onde me encontro a estagiar situa-se num bairro típico e bastante antigo da zona Lisboa, considerado um dos sectores mais pobres e menos letrados da cidade. Neste bairro predomina uma população envelhecida, em que a grande maioria tem um baixo nível de instrução e baixas qualificações profissionais, trabalhando no comércio e no sector terciário inferior, com um peso significativo de reformados. Neste bairro existe também uma forte comunidade estrangeira. A instituição foi construída em 1974.

Possui quatro amplas salas de aula, com lavatório e bengaleiro, uma sala de informática/apoio pedagógico, uma biblioteca, e um pequeno ginásio, com bancadas. A estes espaços juntam-se uma sala de professores, duas arrecadações, uma sala de refeições e uma cozinha destinada ao Jardim-de-Infância. No ano letivo de 2010/2011, e na sequência da candidatura à Rede de Bibliotecas Escolares, a escola passou a ter uma nova biblioteca, que inclui as áreas de atendimento e tratamento documental, de leitura informal, de consulta de documentação audiovisual, de consulta de documentação audiovisual, de consulta de documentação impressa, e a área de multimédia e Internet, com 3 computadores.

Tem três espaços de recreio de ar livre, um deles com cobertura.

Nesta escola funciona também o Jardim-de-Infância, com uma única turma, composta por 22 crianças, uma educadora e uma auxiliar.

Relativamente às turmas, esta escola tem cinco turmas, sendo que apenas o 4.º ano tem duas turmas. A turma de 1.º ano é composta por 23 alunos, a turma do 2.º ano é composta por 21 alunos, a turma do 3.º ano é composta por 21 alunos, e as turmas do 4.º ano são compostas por 13 e 23 alunos, respetivamente.

Relativamente aos alunos, existe uma grande diversidade em termos multiculturais, sendo que existem muitos alunos estrangeiros.

O corpo docente da instituição é constituído por cinco professores titulares, uma professora de apoio e uma professora de necessidades educativas especiais, uma educadora e 4 auxiliares.

2. Caracterização do grupo de crianças

A turma de 2º ano onde estou a realizar o meu estágio é constituída por 21 alunos mais um aluno que se encontra inscrito mas que nunca compareceu, num total de 22 alunos. Este aluno faz parte da lista desde o 1º ano (2013/2014). Apesar da Encarregada de Educação ter sido alertada telefonicamente de que teria de se dirigir à escola a fim de regularizar a situação do seu educando, nunca compareceu. Durante este ano letivo como o aluno continuava ausente foram tomadas as medidas consideradas legais (envio de carta registada que veio devolvida, e pedido de colaboração da PSP) no sentido de se saber o paradeiro desta criança, mas sem resposta. A turma é composta por 10 raparigas e 11 rapazes. Esta turma tem crianças oriundas de diferentes países, como a Roménia, a Índia ou a Etiópia.

Em termos etários a turma é relativamente homogénea, tendo idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos.

A maioria dos alunos são assíduos e pontuais, existem no entanto 5 alunos que raramente chegam a horas.

Trata-se de uma turma muito heterogénea em termos de aproveitamento. A grande maioria já lê bem, apesar de alguns ainda apresentarem pequenas dificuldades. Duas das crianças apresentam um quadro de Necessidades Educativas Especiais, tendo sido já providenciado o devido apoio e acompanhamento para cada uma delas. Outra das crianças

está diagnosticada com Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA), mas está medicado.

Um grupo de 5 alunos trabalha apenas o programa de 1º ano na área de Português.

Todos usufruem de apoio pedagógico uma vez por semana fora da sala de aula e apoio individualizado com trabalhos diferenciados em sala de aula.

A aluna A está a repetir o 2º ano. É uma aluna muito trabalhadora mas muito trapalhona na realização das tarefas. Apenas globalizou pequenas palavras. Tem uma necessidade enorme de mostrar que sabe, em pequeno grupo. É muito conversadora e distraída. Usufri de um Plano Educativo Individual (PEI).

O aluno B é uma criança oriunda da Índia e frequenta esta escola desde o 1º ano. Durante o 1º ano fez poucas aprendizagens na leitura e escrita porque para além da barreira da Língua, ausentou-se para o país de origem durante o 1º período. Neste momento está a realizar tarefas adaptadas e já vai lendo pequenos textos mas revela muitas dificuldades na interpretação do que lê. Na área de Matemática também manifesta muitas dificuldades tanto na identificação dos números como no cálculo.

O aluno C, aluno romeno, tem feito progressos a nível da língua, já lê pequenos textos autonomamente mas tem dificuldade na compreensão do que lê. Também realiza tarefas simples de 2º ano. Na área de Matemática acompanha o programa de 2º ano.

O aluno D veio para esta turma pela primeira vez este ano letivo. Integrou-se bem na turma e na escola. Após uma avaliação diagnóstica foi verificado que não reunia conhecimentos que lhe permitissem acompanhar o programa do 2º ano. Tem vindo a trabalhar conteúdos relativos ao 1º ano. Demonstra ser uma criança muito trabalhadora e atenta e com grande motivação conseguiu acompanhar alguns conteúdos relativos ao 2º ano principalmente na área de Matemática.

A aluna E, é uma aluna muito fraca tanto no Português como na Matemática. Não consegue acompanhar o programa de 2º ano. É uma criança muito imatura, distrai-se com muita facilidade, é muito faladora e agitada. Lê apenas pequenos textos mas silabando. Na escrita tem muita boa caligrafia e copia textos com facilidade. Quando se pretende que escreva frases autonomamente, organiza-as oralmente mas na escrita troca fonemas e não reconhece fronteira de palavras.

Para além deste grupo, existem mais casos particulares na turma. Para este estudo vamos evidenciar duas crianças que apresentam características de hiperatividade.

Os restantes alunos realizaram boas aprendizagens ao longo do período escolar.

De salientar que no global da turma a maioria dos alunos são agitados mas muito participativos.

Relativamente ao ambiente familiar, muitas destas crianças provêm de famílias monoparentais. Algumas delas convivem muito pouco com o outro progenitor. Estas situações refletem-se no comportamento de algumas crianças, que são mais agitadas ou tentam chamar mais a atenção do adulto. Quanto ao nível académico dos encarregados de educação, a maior parte cumpriu a escolaridade obrigatória, com exceção dos que vieram de outros países para Portugal. Apenas em um caso temos a frequência do Ensino Superior. O nível socioeconómico destas famílias é médio-baixo, sendo que muitas destas crianças beneficiam de Ação Social Escolar (ASE).

A maioria dos alunos da turma frequenta as AECs. Dos alunos que não estão nas AECs, alguns ficam numa Associação de Tempos Livres do bairro ou no Caf e os restantes vão embora às 16h com os seus encarregados de educação.

3. Caracterização das duas crianças hiperativas

O aluno F, a quem daremos a partir de agora o nome fictício de Afonso, tem 7 anos e frequenta o 2º ano de escolaridade. É um aluno com grande dificuldade de concentração. Tem dias em que trabalha e mostra interesse pelas tarefas e outros em que não consegue permanecer atento e sentado corretamente. É meigo e tem boa relação com os adultos mas com os colegas reage muitas vezes de forma agressiva. Apesar de toda a agitação conseguiu fazer progressos satisfatórios. Existe, por parte da professora e do encarregado de educação, uma suspeita de hiperatividade e, por isso mesmo, o aluno está a ser devidamente acompanhado por uma psicóloga para que se possa fazer o diagnóstico correto.

Em conversa com a professora, e observando os registos que ela me forneceu, pude constatar que o Afonso frequentou o pré-escolar também naquela instituição. Durante o 1º ano, o Afonso levou algum tempo até se adaptar ao novo ritmo escolar, não levando a sério as regras previamente estabelecidas. Mostrou ser uma criança meiga, imatura e com um comportamento agitado. Perturbava com bastante frequência as aulas e distraía-se com facilidade. Mostrava também pouca atenção na sala de aula. Teve algumas dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, e sempre mostrou maior à vontade na matemática. No início do 2º período, o comportamento do Afonso começou a mudar um pouco, mostrando-se ligeiramente mais calmo e menos agitado, mas mantendo-se na mesma pouco concentrado e distraído. Em conversa com a educadora da instituição, que acompanhou o Afonso no pré-escolar, tomei conhecimento de que já no jardim-de-infância o aluno apresentava um comportamento bastante agitado e, portanto as suspeitas de hiperatividade já existiam nessa altura.

O Afonso vem de uma família de pais separados, sendo que vive com a mãe em Lisboa, e passa alguns fins-de-semana e as férias com o pai que se encontra a residir em Aveiro. É perceptível que o aluno acaba por passar pouco tempo com o pai, o que também lhe poderá

causar alguma revolta. Ambos os progenitores estão empregados, e ambos têm o 6º ano de escolaridade.

O aluno G, a quem daremos o nome fictício de Bernardo, tem 7 anos e frequenta o 2º ano de escolaridade. Foi-lhe diagnosticado hiperatividade durante o 1º ano. Foi medicado e o seu comportamento alterou-se completamente. Progrediu nas aprendizagens e neste momento acompanha o programa de 2º ano.

Frequentou o pré-escolar, mas não naquela instituição. É muito tímido, raramente participa nas aulas, apenas quando é solicitado, e mostra sempre algum desconforto ao falar em público. Antes de ser diagnosticado com PHDA, o aluno apresentava um comportamento bastante agitado, e atitudes desadequadas relativamente aos colegas, tanto na sala de aula como no recreio. Apesar da PHDA, o Bernardo mostra ter grande capacidade para a matemática, apresenta um raciocínio muito rápido. Embora falte muitos dias, rapidamente consegue acompanhar a matéria nova.

No 1º ano apresentou dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita, onde revelou grandes dificuldades na interiorização dos mecanismos da leitura e na identificação das letras estudadas. Na presença da professora agia sempre corretamente e, quando esta se ausentava, o Bernardo adotava um comportamento agressivo para com os colegas e não respeitava as ordens dos adultos.

Ainda durante o 1º ano, era frequente amuar e recusar-se a trabalhar, não participava em atividades que implicassem a oralidade nem colaborava em trabalhos de grupo.

Vive com os pais e a irmã mais velha. A situação familiar não é muito fácil neste momento, pois ambos os progenitores se encontram desempregados. A mãe tem o 7º ano de escolaridade e o pai o 8º ano. A dada altura do 2º período, os pais informaram a professora que iriam emigrar para os Estados Unidos da América, deixando as duas crianças entregues

aos avós maternos. Esta informação trouxe alguma preocupação à professora, pois seria para o Bernardo mais um elemento desestabilizador no seu percurso escolar.

4. Caracterização do ambiente educativo da sala de aula e do modelo pedagógico observado

A sala do segundo ano é bastante espaçosa e bem iluminada, as mesas estão dispostas em “U”, onde fica o grande grupo e dispõe de 3 mesas de lado, onde ficam os quatro alunos que estão ao nível do primeiro ano, pois fazem trabalho diferenciado em relação ao grande grupo. No grande grupo, as crianças sentam-se com uma cadeira de intervalo entre elas, para evitar conversas paralelas. Os lugares foram escolhidos pela professora no início do ano letivo e os alunos só mudam se a professora assim o permitir-

Nas paredes estão afixados alguns trabalhos de expressão plástica realizados pelos alunos. Estão também cartazes com casos de leitura (p. e.: ch, lh, nh...), e as regras de sala de aula.

O ambiente na sala de aula é propício à aprendizagem, não havendo grandes perturbações do exterior.

Relativamente ao método observado, a professora utilizou o Método das 28 palavras para ensinar os alunos a ler durante o 1º ano e utiliza este método este ano, com o grupo de 1º ano. A professora não recorre de forma sistemática ao manual, por norma dá fichas de consolidação de matéria e faz alguns exercícios no quadro. Utiliza o manual principalmente em Português, para leitura e interpretação de textos, embora não siga uma ordem específica. Em termos de matéria, no geral, a professora respeita o ritmo dos alunos, não avançando na matéria sem que as crianças tenham consolidado a matéria anterior, e vai sempre fazendo revisões.

Capítulo III - A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição

Como foi anunciado, o objeto de estudo deste relatório é a gestão de turmas com alunos com PHDA e o interesse surgiu pelo facto de me ter deparado durante o estágio com alguns comportamentos menos adequados de duas crianças, uma delas já diagnosticada com PHDA e outra de se suspeitava também ter PHDA. Neste capítulo serão relatadas, contextualizadas e analisadas todas as informações recolhidas ao longo do estágio, relativamente a este objeto de estudo.

Como foi adiantado no Capítulo 1.º, as observações diretamente realizadas na sala de aula foram recolhidas em notas de campo e apontamentos diários. Para facilitar o processo de análise foram seleccionadas seis situações que se mostraram especialmente elucidativas. A seguir, descreveremos cada situação e produziremos um comentário que o complete, antes de, numa fase posterior, tentar relacionar os dados e abrir caminho para reflexões conclusivas.

1. Análise das situações observadas

Situação 1:

Ao início da manhã, o Afonso entrou na sala e dirigiu-se ao seu lugar. Pouco depois entra o Bernardo, e a primeira coisa que faz é largar a mochila no chão e dirigir-se ao Afonso com intuito de lhe bater. O Afonso começa a correr pela sala como provocação enquanto o Bernardo é segurado por alguns colegas que o tentam acalmar até eu chegar até ele, acabando por levá-lo para fora da sala. Ao levá-lo para fora da sala, pedi a uma das auxiliares que ficasse com ele, pois não estava a conseguir acalmá-lo dentro da sala.

Passado alguns minutos a auxiliar veio até à sala, para me informar que tinha ligado para os pais do Bernardo e que estes lhe tinham dito que a criança não tinha tomado a medicação

de manhã. Informou-me que lhe deram então a medicação na escola e que o aluno se encontrava na sala de apoio. O Bernardo só voltaria à sala dele após o intervalo.

Comentário:

Ao início desta manhã, o Afonso e o Bernardo desentenderam-se durante o recreio, ainda antes de as aulas se iniciarem às 9h. Ao entrarem na sala de aula, o Bernardo acabou por tentar bater no colega, que já o tinha provocado propositadamente. Nesta situação, como fui apanhada de surpresa e sem saber exatamente qual seria a melhor forma de proceder, optei por tirar o Bernardo da aula, pedindo ajuda a uma das auxiliares da escola. Expliquei-lhe o que se tinha passado na sala e a auxiliar, conhecendo bem a situação do Bernardo logo me disse que ia ligar aos pais do aluno, pois já tinha arranjado problemas assim que chegou à escola pela manhã. Após a chamada para os pais do aluno, foi informada de que eles não tinham medicação disponível em casa para dar à criança e por esse motivo não estava medicada.

Coube, assim, à escola administrar a medicação ao aluno, para que se pudesse acalmar e voltar para a sala de aula. Depois de tomar a medicação, o Bernardo ficou na sala de apoio até à hora do intervalo. Após o intervalo, regressou à sala de aula, mostrando um comportamento muito mais calmo e tranquilo.

Situação 2:

O Bernardo, após faltar uma semana inteira às aulas, regressou à escola, mas recusou-se a entrar na sala, preferindo ficar sentado nas escadas de acesso à mesma.

Apesar de todos os esforços da professora, que chegou inclusivamente a pedir a um dos seus melhores amigos na turma, que o fosse chamar, este não saiu das escadas, acabando por passar lá a manhã toda. À hora de almoço foi juntamente com os colegas almoçar e da parte da tarde regressou à sala normalmente e trabalhou como todos os seus colegas.

Comentário:

Esta situação aconteceu por duas vezes, sendo que da primeira vez a professora deixou o Bernardo ficar na escada a manhã toda. Quando esta situação se repetiu algumas semanas depois, e exatamente nas mesmas circunstâncias, ou seja, depois de faltar durante vários dias à escola, a professora optou por convencer o aluno a ficar na sala de apoio com a professora de NEEs, que se encontrava na sala, para que este pudesse fazer os trabalhos do livro, que os colegas de turma estavam a fazer na sala. O Bernardo concordou em ir para a sala de apoio, onde acabou por passar a manhã a fazer os trabalhos que a professora lhe passou. Optou também por marcar uma reunião com os pais do aluno, para lhes explicar o que se estava a passar.

Durante esta manhã, alguns alunos aperceberam-se da situação e questionaram a professora sobre o porquê do Bernardo estar sentado nas escadas e não querer entrar. A professora não entrou em muitos pormenores, dizendo apenas para deixarem estar o aluno.

Situação 3:

Na manhã deste dia, enquanto a professora não chegava, eu fui começando a minha aula de matemática com a turma. O Bernardo entrou na sala, sentou-se no seu lugar mas em vez de ficar em silêncio para ouvir a minha explicação, começou a bater com as mãos na mesa e a perturbar os colegas. Apesar de os colegas lhe pedirem que parasse, pois estava a perturbar a aula e a faltar ao respeito tanto a mim como a eles, o aluno continuou com esse comportamento. Só parou quando a professora entrou na aula. Aí o aluno sentou-se direito na mesa e manteve-se sossegado e atento.

Comentário:

No caso do Bernardo, como já foi referido no Capítulo II, este aluno apenas respeitava a professora titular. Não acatava ordens de outros adultos, outros professores ou auxiliares.

Relativamente à minha relação com este aluno, não era uma relação tão próxima como com os outros alunos, pois o Bernardo faltava muitos dias e por isso não me conseguia aproximar tanto dele. Além das faltas, o Bernardo também era muito tímido o que dificultou a minha aproximação. Mesmo quando solicitava a minha ajuda, era sempre muito envergonhado.

Para além das muitas faltas e da timidez, o Bernardo está diagnosticado com PHDA, o que significa que por vezes o aluno apresentaria comportamentos menos adequados tanto em sala de aula como no recreio. Como já referi, a minha inexperiência relativamente a lidar com crianças com PHDA tornou difícil a relação com o Bernardo, pelo facto de não saber como gerir certas situações em que me vi envolvida com o aluno.

Situação 4:

O Afonso mostra bastantes dificuldades em permanecer sentado. Arranja sempre desculpas para ir buscar material à sua caixa, que se encontra ao fundo da sala. Levanta-se para ir afiar o lápis, quando vê dois colegas seus ao pé do caixote. Enquanto lá está a afiar o lápis, mantém-se na conversa, tentando provocar os seus colegas de alguma maneira. Faz de tudo para demorar mais tempo a regressar ao seu lugar. Ao fim de alguns minutos, a professora apercebe-se do burburinho em torno do caixote do lixo e pede aos alunos, Afonso e mais dois colegas, que se vão sentar para continuarem o trabalho.

Comentário:

No caso do Afonso, desde o pré-escolar que existia a suspeita de hiperatividade, devido ao comportamento agitado e muitas vezes impulsivo. Atualmente, esta suspeita já foi confirmada e por esse motivo, o Afonso já se encontra a tomar medicação adequada. No entanto, na altura em que esta nota de campo foi feita, ainda não havia confirmação.

Neste caso, este comportamento era constante e diário, tanto durante as minhas atividades, como com as da professora cooperante. Como não existe uma regra específica que proíba os alunos de se levantarem, estes levantam-se sempre que necessário para afiarem os lápis. A grande maioria dos alunos consegue perceber que não deve sair do lugar de forma constante, e por esse motivo, não se levantam a toda a hora. No entanto, quando se levantam para afiarem os lápis, fazem-no de forma rápida, para regressarem ao lugar e terminarem as tarefas. No caso do Afonso, todas as desculpas servem para sair do seu lugar. Por norma, opta por se levantar quando vê um ou dois colegas já de pé a afiar o lápis. Quando se dirige ao caixote do lixo, começa a conversar com os colegas, a distraí-los, ou mesmo a tentar provocá-los ao fazer algum comentário sobre os seus trabalhos.... Ao perceber que se estava a gerar alguma confusão na zona do caixote, a professora ou eu, rapidamente pedíamos aos alunos que se sentassem. Todos eles acatavam a ordem e regressavam ao lugar sem confusão, no entanto o Afonso enquanto se dirigia para o seu lugar aproveitava para provocar os colegas, enquanto passava pelas suas mesas, fazendo comentários de gozo relativamente aos trabalhos feitos.

Para evitar estas situações, em conversa com a professora cooperante, acabei por fazer pequenas caixas de cartão, para dar a cada aluno, para que quando quisessem afiar os lápis não terem que sair do lugar, afiando assim os lápis para a caixa.

Como foi referido no Capítulo I, este tipo de comportamento é normal numa criança com PHDA, esta dificuldade em permanecer sentado durante muito tempo. De acordo com alguns autores, uma das estratégias a serem adotadas pelos professores, é precisamente permitir que este aluno se levante por alguns minutos, para libertar um pouco da energia acumulada, desde que não perturbe o funcionamento normal da aula.

Situação 5:

Durante esta tarde, enquanto trabalhava Estudo do Meio com a turma, um dos alunos, o Afonso, esteve constantemente a desafiar-me. Levantou-se inúmeras vezes do lugar sem pedir autorização, enquanto eu falava ele tentava falar por cima de mim, e fazia o mesmo aos colegas, tentando distraí-los e perturbando a aula.

Comentário:

O Afonso sempre mostrou ter um comportamento mais agitado em relação aos outros colegas, e sempre gostou de desafiar os adultos à sua volta e testá-los de alguma maneira.

Nesta tarde, como eu estava sozinha com a turma, o Afonso revelou um comportamento bastante indisciplinado e perturbador.

Nesta tarde, eu avisei-o várias vezes relativamente ao seu mau comportamento, tentei aplicar algumas estratégias, como chamá-lo para participar na atividade que estavam a fazer (um quadro de correspondências no quadro, relativamente aos animais e suas características), mas acabou por ser em vão. O comportamento do Afonso manteve-se desafiador, com muitas dificuldades em permanecer sentado, sempre a tentar irritar de alguma forma os colegas e perturbar a aula, não conseguindo assim terminar a atividade a que me tinha proposto com a turma. Acabei por permitir que o Afonso saísse mais cedo da aula, pois faltavam poucos minutos para esta acabar.

Situação 6:

Hoje durante uma visita de estudo ao Arquivo Municipal de Lisboa, foi possível constatar a diferença de comportamento do Afonso, durante a visita. Permaneceu sempre sentado e atento às explicações que eram dadas à turma. Mostrou um comportamento muito diferente daquele que se presencia dentro da sala de aula diariamente.

Comentário:

Neste dia, o Afonso apresentou um comportamento bastante diferente do habitual. Esta mudança no comportamento do Afonso foi uma agradável surpresa, pelo facto de este aluno apresentar habitualmente um comportamento bastante agitado e por vezes indisciplinado.

Durante toda a visita, o Afonso manteve-se sempre atento e participativo relativamente ao que lhes era explicado. Foi um dos alunos que mais atenção e interesse mostrou.

Este comportamento talvez esteja relacionado com o facto de ser uma manhã diferente das habituais, passadas em sala de aula. O facto de na visita se falar de como era a cidade de Lisboa antigamente, como os comerciantes viviam e de se mostrarem imagens em PowerPoint dessa época pareceu prender bastante a atenção do Afonso. No final desta apresentação a turma foi dividida em dois grupos, e o Afonso esteve sempre muito atento e interessado sobre aquilo que os grupos iam fazer, no caso, uma pequena encenação de Lisboa antigamente, em que um grupo de alunos representaria os vendedores de rua e o outro grupo os compradores. O Afonso apresentou durante todo o ensaio um comportamento tranquilo e calmo e esteve sempre muito participativo.

De salientar que por esta altura, o Afonso já se encontra devidamente diagnosticado com PHDA, o que significa que já está a tomar a medicação recomendada. Talvez por isso se consiga verificar esta mudança no comportamento do aluno.

2. Análise comparativa das situações observadas

A tabela da próxima página sintetiza as seis situações observadas no estágio. São referentes a comportamentos desenquadrados dos dois alunos que são objeto especial do nosso estudo. Fazendo uma leitura atenta dos dados organizados na tabela podemos constatar o seguinte:

1. São relatos de situações que se caracterizam maioritariamente por apanhar o professor de surpresa: ou porque respondem a fatores desconhecidos (um desentendimento no recreio, antes das aulas), ou por se tratar de um comportamento raro no aluno ou, pelo menos, com uma intensidade diferente da habitual.

Este facto não significa que não tenham existido muitas outras situações de comportamento perturbador por parte destes dois alunos, mas convidam-nos a uma reflexão que pode ser inspiradora. Com efeito, parece que apenas senti a necessidade de registar as situações surpreendentes. Seguramente, o fator surpresa é fonte de dificuldade acrescida na hora de resolver um problema, mas podemos reconhecer agora que seria interessante observar e registar as outras muitas situações menos «surpreendentes». Aliás, não será de espantar que encontremos no modo como se lida com as situações mais habituais uma explicação complementar para entendermos as situações mais raras.

2. São relatos de comportamentos inadequados. Apenas uma situação tem sinal positivo. Dos cinco casos de comportamentos inadequados, há um de natureza passiva (o aluno resiste a entrar na aula), há outro caso de ativa resistência ao trabalho (com atitudes desafiadoras muito ostensivas) e três casos de comportamentos meramente perturbadores.

Situações	Fatores de dificuldade		Estratégias de gestão	
	Surpresa	Comportamento	Ação direta	Ação indireta
1 - Bernardo	SIM - Situação em sala gerada por um desentendimento anterior à entrada na sala	INADEQUADO - Tentativa de agressão a um colega.	Retirar o aluno da sala.	Recorrer à ajuda de uma auxiliar.
2 - Bernardo	SIM - Comportamento no aluno fora do habitual.	INADEQUADO - Recusa a entrar na sala.	Deixar o aluno na escada e não o obrigando a entrar na sala.	Pedir a um amigo do aluno para o tentar convencer a entrar na aula
3 - Bernardo	SIM – Comportamento no aluno fora do habitual.	INADEQUADO - Perturbar os colegas e a aula batendo com as mãos na mesa.	Nenhuma, porque, quando a professora entrou na sala, ele mudou o seu comportamento.	
4 - Afonso	NÃO - É um comportamento habitual do aluno,	INADEQUADO Levantar-se constantemente, sem se conseguir manter sentado e aproveitar esses momentos para provocar colegas.	Sempre lhe foi permitido levantar-se, desde que não perturbasse o funcionamento normal da aula.	
5 - Afonso	SIM - Apesar de ter um comportamento habitual muito desafiador, nunca o tinha mostrado desta forma.	INADEQUADO - Manter um comportamento bastante indisciplinado e desafiador durante toda a aula.	Retirar o aluno da sala.	
6 - Afonso	SIM - Em dia de visita ao AML era expetável que o aluno estivesse mais agitado.	ADEQUADO - Muito mais calmo e bastante interessado no que lhes era dito durante a visita.	Foi-lhe dado várias vezes o reforço positivo do elogio pelo seu comportamento.	

Também parece bastante compreensível que os relatos tenham evocado principalmente os comportamentos inadequados e que o comportamento adequado relatado tenha sido relatado apenas porque não era expectável. Neste momento de análise podemos reconhecer que, se houvesse oportunidade, seria interessante que tivéssemos recorrido a um relato diário dos comportamentos dos alunos, dos bons e dos menos bons, para ganharmos consciência da frequência em que eles ocorrem ou, também, em que dias da semana, ou a que horas do dia, etc.

3. São utilizadas, na sua grande maioria, estratégias de gestão de natureza reativa, e não pró-ativa. Dos cinco casos relatados de comportamento inadequado dos alunos, há dois que apresentam a mesma ação direta (retirar o aluno da sala) do professor e um caso em que propriamente não se apresenta qualquer ação direta. De resto, apenas há dois dos cinco casos retratados que aludem a uma ação indireta do professor (mediada por uma auxiliar ou por colegas do alunos).

Esta análise faz-nos constatar que as estratégias relatadas foram maioritariamente reativas, ou seja, foram postas em prática depois dos alunos apresentarem um comportamento inadequado. Certamente poderá dizer-se que o ideal é (e teria sido) prevenir esse tipo de comportamentos adotando estratégias pró-ativas. No entanto, esta constatação não legitima que se infira que não houve pro-atividade. Aliás, um esforço de memória poderia recordar-nos medidas e regras instaladas nas práticas da turma que são preventivas e evitaram muitos outros casos de indisciplina e desordem no dia-a-dia. Quer-se dizer assim que o facto dos casos relatados revelarem atitudes reativas não pode ser interpretado como ausência da pro-atividade, mas como sinal de que os casos que chamam mais a atenção são aqueles que apanham o professor de surpresa e em que seria difícil uma pro-atividade. Sobre as ações indiretas, foi necessário recorrer por duas vezes a esta ação, como forma de apoio para gerir as situações em causa. Em análise, teria sido interessante adotar estratégias que fossem

apelativas e adequadas a estes dois alunos, tentando assim minimizar a ocorrência deste tipo de comportamento por parte deles.

Capítulo IV - Considerações finais

O nosso estudo tem como objetivo geral perceber qual a melhor forma de gerir uma sala de aula com alunos com Perturbação de Hiperatividade e Défice de atenção.

Com a elaboração deste relatório, foi possível refletir sobre as estratégias mais ou menos eficazes que são utilizadas com crianças com PHDA. O relatório convida a questionar o nível de preocupação do professor por implementar estratégias que facilitem a aprendizagem destes alunos, especialmente quando sente o constrangimento da falta de tempo para cumprir os programas curriculares (cada vez mais extensos) ou para atender aos diferentes níveis de aprendizagem que se encontram numa mesma turma, tornando-se difícil para um só professor gerir todas estas situações. Esses constrangimentos podem explicar que as crianças com PHDA possam não ter os melhores apoios na escola pois o sucesso e bem-estar educativo destes alunos não constituam a preocupação prioritária dos professores. Por vezes, até em casa estas crianças não têm a atenção devida, e não existe por parte dos pais uma especial preocupação relativamente ao aproveitamento/rendimento escolar dos alunos.

Para a realização deste relatório, fez-se inicialmente uma contextualização da problemática acima referida, para uma melhor compreensão deste assunto.

Sabe-se que, atualmente, as crianças passam a maior parte do seu tempo na escola, devendo esta ser um espaço de prazer, bem-estar, de respostas e não de insatisfação, de frustração e de bloqueios.

A Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção é um dos temas que traz cada vez mais preocupação a professores e educadores, pois trata-se de uma perturbação que afeta, durante um período de tempo indeterminado, a vida das crianças em todos os contextos: na escola, na família, na comunidade e no relacionamento com os pares. Torna-se assim, essencial que seja feito um diagnóstico desta perturbação o mais cedo possível, para que se

possa interceder junto da criança o mais rápido possível, de forma a ajudá-la no seu percurso escolar e até ajustar algumas lacunas.

É de extrema importância que os professores se mantenham sempre atualizados, de forma a superar as dificuldades que vão surgindo ao longo da sua prática, visto que os docentes desempenham um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem. Desta forma, ser-lhes-á possível acompanhar o processo de evolução de uma sociedade que se encontra em permanente mudança.

O professor deve ser sempre um exemplo a seguir, tentando perceber a criança e arranjar estratégias que permitam a sua valorização, ao invés de acusar e castigar a criança, atribuindo-lhe desde muito cedo um rótulo.

Para que se possa ajudar as crianças com PHDA, é necessário ter um conhecimento aprofundado desta temática, estar bastante familiarizado com as suas características, como se manifesta e, principalmente, qual a melhor forma de agir perante esta perturbação. Será, talvez, neste ponto que a maioria dos professores acaba por falhar, pois muitos não se preocupam em procurar estratégias adequadas de forma a ajudar estas crianças no seu percurso escolar. Limitam-se apenas a considerá-las mal comportadas e indisciplinadas.

As capacidades do aluno com PHDA não devem ser menosprezadas por parte dos professores, pois tratam-se de alunos competentes, mas que mostram uma grande necessidade de se sentirem inseridos num ambiente de trabalho onde existam estímulos, de forma a se sentirem motivados e focados em objetivos estabelecidos previamente.

Se o professor conseguir dar a estes alunos o apoio necessário, estará a trabalhar para um bom ambiente na turma, facilitando assim a interação e boa relação entre alunos. A sala de aula torna-se, assim, um espaço onde o professor pode intervir, para promover e incentivar o envolvimento destes alunos.

O professor deve ser capaz de mostrar sensibilidade, persistência e compreensão, quando lida com crianças com PHDA, assumindo assim um papel mais complexo e exigente, mas muito gratificante e enriquecedor.

O papel que o professor desempenha na intervenção e no êxito educativo dos alunos com PHDA é fundamental, por isso, é necessário criar uma organização escolar mais flexível, adaptar as estratégias de ensino, a gestão dos recursos e o currículo, para que seja possível maximizar o desenvolvimento de todos, tendo sempre em atenção as características pessoais e as necessidades individuais de cada um.

Para que possamos mudar as práticas pedagógicas, é necessário adotar uma cultura em que a diversidade seja valorizada, ou seja, é importante que os professores se mantenham sempre atualizados, que sejam capazes de desenvolver projetos e ações em conjunto, de forma a valorizar as capacidades dos alunos com PHDA.

Sabendo que não existe um manual de apoio ou estratégias que promovam o sucesso educativo do aluno com PHDA, cabe ao professor procurar as melhores estratégias, tendo em atenção as características de determinado aluno. Partindo do pressuposto que as estratégias consideradas adequadas para as crianças com PHDA são igualmente adequadas para as crianças sem esta perturbação, se o professor planificar as suas aulas tendo sempre em consideração as especificidades dos alunos com PHDA, estará a responder de forma adequada a todos os outros.

Como já referimos, a PHDA traz complicações a todos os níveis, escolar, familiar e comunitário, sendo, por isso uma realidade à qual não se pode fugir. Para que seja possível oferecer aos alunos uma educação adequada, torna-se fundamental a formação dos professores, a sua busca por novas e adequadas estratégias relativamente a este tema. É também fundamental que haja uma boa relação entre os pais e a escola, para que este trabalho

seja um trabalho em equipa, em prol do bem-estar da criança com PHDA. Os pais devem continuar em casa o trabalho que os professores vão implementando no dia-a-dia na escola.

Ao longo de todo o período de estágio pude perceber que as informações sobre como lidar de forma correta com alunos com PHDA são escassas. Por falta de conhecimentos sobre esta perturbação, também eu não pus em prática estratégias que facilitassem a aprendizagem destas crianças, o que como vimos no Capítulo III, trouxe alguns obstáculos à minha prática.

Olhando para trás, considero que teria sido pertinente fazer apontamentos diários, ao longo de todo o estágio, relativamente aos comportamentos apresentados pelos dois alunos em causa, os comportamentos bons e menos bons, para assim poder fazer uma análise mais detalhada dos comportamentos e atitudes destas crianças em sala de aula tentando perceber quais os motivos que despoletam algum tipo de atitude considerada menos adequada por parte destes alunos. Seria também interessante ver a que tipo de estratégias os alunos responderiam melhor.

Com certeza, a falta de experiência e de informação da minha parte dificultou o uso de estratégias adequadas a estes alunos.

Apesar de todas as limitações e dificuldades sentidas, com a elaboração deste relatório foi possível entender o que é a hiperatividade, como se manifesta esta perturbação e que transtornos traz à criança, assim como permitiu uma reflexão sobre a melhor forma de gerir uma turma com crianças com esta perturbação e sobre o tipo de estratégias a utilizar para garantir um percurso escolar positivo e bem-sucedido a estes alunos.

Chegando ao fim desta etapa, posso afirmar que a Prática Pedagógica foi fundamental para a minha futura profissão, fazendo-me entender o verdadeiro significado de responsabilidade, profissionalismo e consciência.

Sei, que à minha frente está um longo caminho de formação a percorrer, onde terei oportunidade de alargar as bases que fui adquirindo ao longo de todo este processo de formação.

Como futura professora/educadora, devo continuar a refletir sobre a minha prática de forma a encontrar novas estratégias, que sejam facilitadoras da aprendizagem.

Bibliografia

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação - um guia prático e crítico*. Porto: Asa Editores, SA.
- Aires, L. M. (2009). *Disciplina na Sala de Aula, Um guia de boas práticas para professores do 3º CEB e Ensino Secundário*. s.d.: Edições Sílabo.
- Alarcão, I. F. (1997). *A formação de professores no Portugal de hoje (documento de um grupo de trabalho do CRUP - Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas)*.
- Amado, J. (2001). *Interação Pedagógica e Indisciplina na Aula*. Porto : Edições ASA.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Editora McGraw-Hill .
- Azcue, J. (2012). *A escola onde se aprende*. Cascais: Príncípia.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Blakemore, S.-J., & Frith, U. (2009). *O Cérebro que Aprende - Lições para a Educação*. Lisboa: gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. N. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Carita, A., & Fernandes, G. (2012). *Indisciplina na sala de aula: Como prevenir? Como remediar?* (3ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cunha, P. (1996). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DSM-5, American Psychiatric Association. (2014). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Estrela, M. T. (1994). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.
- Falardeau, G. (1997). *As Crianças Hiperactivas*. Mem Martins: Edições Cetop.
- García, I. M. (2001). *Hiperactividade: Prevenção, Avaliação e Tratamento na Infância*. Amadora: McGraw-Hill .
- Garcia, J. (2009). Representações dos professores sobre indisciplina escolar. *Revista do Centro de educação*, 34, pp. 311-324.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas - S.A.
- Lopes, J. (1998). *Distúrbio Hiperactivo de Défice de Atenção em Contexto de Sala de Aula: a incerta existência de um problema de desenvolvimento da infância e adolescência*. Braga: Universidade do Minho.
- Lopes, J. A. (2003). *A Hiperactividade*. Coimbra: Quarteto.
- Ludovico, O. (2007). *Educação Pré-Escolar: Currículo e Supervisão* (1ª Edição ed.). Penafiel: Editorial Novembro.
- Mollo, S. (1969). *A Escola na Sociedade*. Lisboa: Edições 70.
- Nogueira, M. (2009). *O Vasco, a família e os amigos*. Cascais: CADin.
- Pardilhão, C., Marques, M., & Marques, C. (2009). Perturbações do comportamento e perturbação de hiperactividade com défice de atenção: diagnóstico e intervenção nos Cuidados de Saúde Primários. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 25, 592 - 599.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rohde, L. A., & Benczik, E. B. (1999). *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: o que é? Como ajudar?* Porto Alegre: Artmed Editora.
- Schweizer, C., & Prekop, J. (2005). *Crianças hiperactivas. Porque é que uma criança é irrequieta e agitada?* Porto: Ambar.

- Serrano, G. P. (2004). *Investigación Cualitativa. Retos e Interrogantes - I. Métodos*. Madrid: editorial La Muralla.
- Sosin, D., & Sosin, M. (2006). *Compreender a Desordem por Défice de Atenção e Hiperactividade*. Porto: Porto Editora.
- Vale, I. (2004). Algumas notas sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática: o estudo de caso. *Revista da Escola Superior de Educação*, 5, 171-202.

Anexos

Anexo I – Nota de campo I

Nota de campo	
<p>Situação: atitude/comportamento de alunos</p> <p>Data:</p> <p>Hora: 9h00</p> <p>Local: Sala de aula</p> <p>Intervenientes: 2 alunos do 2.º ano</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 7/8 anos</p>	
Descrição	Inferência
<p>O aluno A entrou na sala e dirigiu-se ao seu lugar. Pouco depois entra o aluno B, e a primeira coisa que faz é largar a mochila no chão e dirigir-se ao aluno A com intuito de lhe bater. O aluno A começa a correr pela sala como provocação enquanto o aluno B é segurado por alguns colegas que o tentam acalmar até a professora chegar até ele, acabando por levá-lo para fora da sala.</p>	<p>No caso do aluno B, este é hiperativo. Por vezes os pais optam por não lhe dar a medicação e mandam-no para a escola, sem terem em conta de que o aluno se torna muito agressivo e mal-educado. Esta já não foi a primeira vez que ocorreu este tipo de situação. No caso do aluno A, este é um aluno que apresenta também alguns problemas de comportamento. Neste caso, as duas crianças desentenderam-se no recreio logo de manhã e trouxeram o conflito para a sala de aula.</p>
Comentário:	

Anexo II – Nota de campo II

Nota de campo	
<p>Situação: atitude/comportamento de alunos</p> <p>Data:</p> <p>Hora: 9h00</p> <p>Local: Sala de aula</p> <p>Intervenientes: 1 aluno do 2.º ano</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 7/8 anos</p>	
Descrição	Inferência
<p>O aluno B, após faltar uma semana inteira às aulas, regressou à escola, mas recusou-se a entrar na sala, preferindo ficar sentado nas escadas de acesso à mesma.</p> <p>Apesar de todos os esforços da professora, que chegou inclusivamente a pedir a um dos seus melhores amigos na turma, que o fosse chamar, este não saiu das escadas, acabando por passar lá a manhã toda. À hora de almoço foi juntamente com os colegas almoçar e da parte da tarde regressou à sala normalmente e trabalhou como todos os seus colegas.</p>	<p>Sobre este aluno, sabe-se que é hiperativo, muitas vezes não vem medicado para a escola, deixando os pais essa responsabilidade para a professora e auxiliares. Sabe-se também que este aluno falta bastantes vezes.</p>
Comentário:	

Anexo III – Nota de campo III

Nota de campo	
<p>Situação: atitude/comportamento de alunos</p> <p>Data:</p> <p>Hora: 11h30</p> <p>Local: Sala de aula</p> <p>Intervenientes: 1 aluno do 2.º ano</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 7/8 anos</p>	
Descrição	Inferência
<p>Na manhã deste dia, enquanto a professora não chegava, eu fui começando a minha aula de matemática com a turma. Um dos alunos entrou na sala, sentou-se no seu lugar mas em vez de ficar em silêncio para ouvir a minha explicação, começou a bater com as mãos na mesa e a perturbar os colegas. Apesar de os colegas lhe pedirem que parasse, pois estava a perturbar a aula e a faltar ao respeito tanto a mim como a eles, o aluno continuou com esse comportamento. Só parou quando a professora entrou na aula. Aí o aluno sentou-se direito na mesa e manteve-se sossegado e atento.</p>	<p>O aluno em questão está diagnosticado com PHDA, o que significa que por vezes apresenta alguns comportamentos menos adequados. Para além disso, é um aluno que apenas respeita a professora titular, não respeita nem acata ordens de mais nenhum adulto.</p>
Comentário:	

Anexo IV – Nota de campo IV

Nota de campo	
<p>Situação: atitude/comportamento de alunos</p> <p>Data:</p> <p>Hora: 9h00</p> <p>Local: Sala de aula</p> <p>Intervenientes: 1 aluno do 2.º ano</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 7/8 anos</p>	
Descrição	Inferência
<p>O aluno A mostra bastantes dificuldades em permanecer sentado. Levanta-se para ir afiar o lápis, principalmente quando vê colegas seus ao pé do caixote. Enquanto lá está, faz de tudo para demorar mais tempo a regressar ao seu lugar.</p>	<p>Este aluno apresenta uma grande agitação no seu dia-a-dia, tanto em sala de aula como no recreio. Neste caso, existe por parte da professora e do encarregado de educação uma suspeita de hiperatividade. Talvez por isso mesmo este aluno apresente tantas dificuldades em permanecer sentado</p>
Comentário:	

Anexo V – Nota de campo V

Nota de campo	
<p>Situação: atitude/comportamento de alunos</p> <p>Data:</p> <p>Hora: 14h30</p> <p>Local: Sala de aula</p> <p>Intervenientes: 1 aluno do 2.º ano</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 7/8 anos</p>	
Descrição	Inferência
<p>Durante esta tarde, enquanto trabalhava estudo do meio com a turma, um dos alunos esteve constantemente a desafiar-me. Levantava-se do lugar sem pedir autorização, enquanto eu falava ele tentava falar por cima de mim, e fazia o mesmo aos colegas, tentando distraí-los e perturbando a aula.</p>	<p>Nesta tarde, como eu estava sozinha com a turma, o aluno revelou um comportamento bastante indisciplinado e perturbador.</p> <p>Este aluno sempre mostrou ter um comportamento mais agitado em relação aos outros colegas, e sempre gostou de desafiar os adultos à sua volta e testá-los de alguma maneira.</p>
Comentário:	

Anexo VI – Nota de campo VI

Nota de campo	
<p>Situação: atitude/comportamento de alunos</p> <p>Data:</p> <p>Hora: 9h00</p> <p>Local: Arquivo Municipal de Lisboa (visita de estudo)</p> <p>Intervenientes: 1 aluno do 2.º ano</p> <p>Sexo: masculino</p> <p>Idade: 7/8 anos</p>	
Descrição	Inferência
<p>Hoje durante uma visita de estudo ao AML, foi possível constatar a diferença de comportamento do aluno A, durante a visita. Permaneceu sempre sentado e atento às explicações que eram dadas à turma. Mostrou um comportamento muito diferente daquele que se presencia dentro da sala de aula diariamente.</p>	<p>A diferença de estímulos na visita e dentro da sala de aula cativou o interesse do aluno.</p>
Comentário:	